



ARCHAEOLOGICAL STUDIES ON LATE ANTIQUITY AND EARLY MEDIEVAL EUROPE  
(AD 400-1000 (ASLAEME SERIES))

Series Editors

Jorge López Quiroga –Artemio M. Martínez Tejera- Philippe Pergola-  
Patrick Perin-Guido Vannini

Archaeological Excavations & Catalogues 2

# *Conimbriga* tardo-antigua y medieval

Excavaciones arqueológicas en la *domus tancinus*  
(2004-2008) (Condeixa-a-Velha, Portugal)

Jorge López Quiroga  
(Editor)

BAR International Series 2466  
2013

## A chamada “Casa de Tancinus” em Conimbriga

Virgílio Hipólito Correia

O edifício pré-existente à basílica paleo-cristã de *Conimbriga* (Maciel-Coelho 1992) foi chamado “casa de *Tancinus*” na sequência do achado, reempregue como material de construção num muro daquela, de uma árula dedicada a I.O.M.C. por um indivíduo de nome *Tancino*, filho de *Tongina* (Fig. 14) (Étienne 1991).

A atribuição do edifício é, claro, sedutora mas hipotética. Não laboraremos na discussão acerca da atribuição de nomes a edifícios antigos, sejam eles ou não de proprietários, mas a discussão da proveniência da árula e da sua relação com a casa não é desprovida de interesse.

Será o último ponto que trataremos, depois de nos debruçarmos sobre: i) a integração urbana do edifício; ii) a cronologia da construção original; iii) a morfologia construtiva da edificação e as suas possíveis funcionalidades; o ponto iv) será portanto a possibilidade de a árula pertencer de facto à casa original e o que disso se pode deduzir quanto aos seus construtores e proprietários.

### A integração urbana do edifício.

A “casa de *Tancinus*” desenha um rectângulo de cerca de 20 por 35 metros, de que os lados maiores são orientados E/W, paralelos ao limite sul da casa atribuída a *Cantaber*, da qual estão separados por uma estreitíssima via de circulação, e que se estende entre essa casa e quase a orla do declive do Rio de Mouros. Trata-se obviamente de uma posição marginal dentro do esquema urbano de *Conimbriga* (Correia 2004a: 70).

Marginal mas, todavia, relevante; a colocação na proximidade da casa de *Cantaber*, que é um dos principais edifícios de *Conimbriga* e é sem dúvida a sua principal residência, confere-lhe dignidade e, por outro lado, a sua proximidade relativamente às termas da muralha reforça esse aspecto.

A casa de *Tancinus* não foi o primeiro edifício romano a ocupar o local (Correia 2004b: 273-275). Com efeito, antes da casa e das termas da muralha, existiu nesse sítio, e com uma orientação discordante dos alinhamentos gerais do urbanismo, uma outra construção, de finalidade e extensão desconhecidas, que ocupou o espaço entre esses dois edifícios e provavelmente foi demolida para lhes dar lugar (e à rua que lhes dá acesso).

A irregularidade dos alinhamentos, progressivamente mais acentuada na directa razão do afastamento dos edifícios relativamente aos eixos principais, era já

conhecida em *Conimbriga*, na chamada “rua da patera Emmanuel”, mas a situação da casa de *Tancinus* é especialmente elucidativa do fenómeno de organização urbana que *Conimbriga* atravessou.

O urbanismo de *Conimbriga* foi sempre dominado pela estrutura triangular vertebrada pela via de direcção Sudoeste (*Sellium*), pela via de direcção Nordeste (*Aeminium*) e pelo eixo central do povoado, sensivelmente E/W, que mais que uma rua foi, até muito tarde na vida da cidade, uma sucessão de largos e espaços de forma irregular.

Há, pelo menos desde o período augustano, uma tentativa de regularizar, sobre este esquema, insulas de tamanho e formato regular, mas a tentativa, bem sucedida nalguns casos, nunca cobre com eficácia todas as situações, todos os quarteirões, e mesmo depois da grande intervenção flaviana, *Conimbriga* mostra uma trama urbana recheada de pormenores.

A conformação do encontro das três vias que referimos é desenhada desde muito cedo: a insula do aqueduto, a primeira fase da casa dos repuxos, as lojas a sul da via e o edifício que precedeu a casa de *Cantaber*, definindo os seus limites, estabeleceram de forma quase definitiva o aspecto do *trivium*.

É admissível que com esta situação convivessem edifícios marginais de dimensão e alinhamento irregulares, como aconteceu também com o quarteirão da casa do tridente e da espada, onde por razões diversas os edifícios sobreviveram até ao fim da vida da cidade.

Mas o óbvio interesse e centralidade da zona à volta da casa de *Cantaber* levou a que as ruas que a sua existência criou a leste e a oeste se estruturassem como vias de qualidade urbana do ponto de vista sócio-económica. Esta centralidade urbana da casa de *Cantaber* já foi salientada e a “estratégia” da sua implantação comparada com a do fórum. É então este movimento, que leva à construção das termas da muralha (Correia-Reis 2000), talvez pouco mais tarde à construção das casas dos esqueletos e da cruz suástica, que causa a demolição do edifício pré-existente e abre espaço à construção da casa de *Tancinus*, que desta forma se integra na evolução de *Conimbriga* pelo enriquecimento do seu tecido urbano com residências de média dimensão.

### Questões de cronologia.

A datação fina dos momentos antes referenciados é difícil e está-nos, porventura, vedada, pelo menos como grau de segurança e precisão que desejaríamos.

A casa de *Cantaber* foi extensamente escavada nos anos 30, sem registo ou memória pormenorizada de qualidade e, mais modernamente, escavada num programa de escavação dos seus momentos fundacionais que aguarda ainda o estudo completo dos materiais recolhidos em estratigrafia (Correia 2001).

As termas da muralha, bem como a restante zona B, não podem ser datadas, por falta de informação registada e publicada.

A própria casa de *Tancinus*, localizada sob a basílica, tem oferecido poucos dados seguramente estratigrafados, e o edifício pré-existente não foi excepção, ainda que recentes achados permitam talvez, uma vez terminada a escavação, dilucidar um pouco a matéria (Correia-Reis 2000).

Todavia, a casa de *Cantaber* parece poder atribuir-se, na sua fase de grande residência, ao período flaviano. Também as termas da muralha parecem ser dessa cronologia, dada a enorme coincidência do seu programa decorativo com o do fórum flaviano.

As restantes residências da área poderiam, portanto, datar dos últimos anos do séc. I ou dos primeiros do séc. II, o que as integra plenamente na corrente artística que atinge os espaços domésticos de *Conimbriga* nesta data.

#### A arquitectura da casa.

A casa pré-existente à basílica paleo-cristã de *Conimbriga* apresenta-se-nos dividida em três sectores, de reconstituição mais ou menos fácil devido à afectação pelas construções posteriores. São eles: o sector ocidental, aberto para a via a Oeste da casa de *Cantaber*; o sector central, que inclui o peristilo; o sector oriental, o mais afectado pela basílica e que não autoriza reconstituição nem permite análise. O sector ocidental da casa foi construído numa zona em que a rocha de base quase aflorava no nível de circulação. Por isso os alicerces são escassos, os muros foram destruídos e, nalgumas zonas, conserva-se apenas o soco deixado pelo rebaixamento da rocha ao lado da linha dos muros que se perderam por completo.

Este método de construção, levantar o muro sobre a rocha irregular e rebaixar o substrato à volta dele para obter níveis horizontais, é muito típico do séc. I em *Conimbriga*, tendo sido muito aperfeiçoado pelos construtores que, no período augustano, construíram os criptopórticos da casa dos repuxos e das lojas a Sul da via. Estava ainda em uso quando se construiu a casa da cruz suástica. A sua utilização aqui é, portanto, indício abonatório em favor de este sector pertencer à construção original, sendo a sua utilização em data posterior resultado do sistemático reaproveitamento de estruturas que presidiu à adaptação da casa a basílica.

Aparentemente, a planta desenhada pelos compartimentos deste sector correspondem a dois pares de salas, uma grande e outra menor em ambos casos, que podemos julgar constituírem elementos funcionais independentes do restante edifício.

Conjuntos de salas como estes são muito comuns em *Conimbriga* ou, aliás, em qualquer cidade romana, correspondendo à unidade típica da taberna, que permite assegurar o comércio ou o artesanato (na sala principal), a armazenagem dos produtos (na divisão menor) e a habitação do pequeno número de pessoas que operam a actividade aí levada a cabo. Tal número de pessoas poderia ir de uma única pessoa, frequentemente de condição servil, até uma pequena família nuclear, servil, liberta ou peregrina, mas de muito baixo nível económico e estatuto social. A habitação podia fazer-se na zona de armazenagem, em mezanino na sala principal ou apenas de maneira informal, depois de encerrado o estabelecimento.

Tais unidades aparecem em *Conimbriga* dispersas por todo o tipo de quarteirões, mas é interessante verificar que, na medida em que estas unidades podem representar uma fracção importante dos edifícios domésticos, é na vizinha casa dos esqueletos que encontramos o melhor exemplo de divisão de um edifício numa multiplicidade de unidades residenciais de tipologias distintas; o equilíbrio exacto das componentes é, todavia, aí diverso.

O sector central da casa mostra um peristilo que, proporcionalmente, ocupa uma área muito mais significativa da extensão total da casa do que estamos habituados a ver nas residências de *Conimbriga*, onde tal proporção é já normalmente grande. Não devemos valorizar excessivamente este facto, que se inscreve na tentativa, consistente entre os construtores conimbrigenses, de valorizar quanto possível as suas residências pelo protagonismo dado ao peristilo, por vezes a expensas de soluções que nos parecem hoje menos "racionais". Naturalmente, quanto menor a residência, maior a fatia ocupada pelo peristilo, sendo que no caso vertente, a necessidade de criar os conjuntos independentes da parte ocidental da casa, extremou a situação.

Verifica-se o mesmo, por exemplo, com a casa da cruz suástica, onde o peristilo é indiscutivelmente o protagonista: de outra forma, com outras preocupações, um peristilo mais modesto teria permitido um desenho mais equilibrado da casa, mas a escolha foi suficientemente decidida para, ainda que dando lugar a um desenho de jardim significativo (mesmo que inepto), impor uma implantação desastrosa do triclinio colocado sobre um lado.

Aparentemente, na casa de *Tancinus*, a colocação do peristilo fazia a articulação entre os sectores ocidental e oriental da casa sem que, na prática, houvesse espaço

para outros elementos residenciais abertos para os pórticos. Sacrificou-se portanto, se a nossa restituição é certa, a funcionalidade à *scaenographia*.

Mas a casa aproveitou também o declive, neste sector central, para se estender na direcção do Rio dos Mouros. Não se tratando de uma área de prestígio, nem por isso essa extensão da casa deixaria de ser importante. Infelizmente as condições topográficas actuais não permitirão uma perfeita compreensão desta área da casa, mas a localização de zonas artesanais na parte baixa não deixa lugar a dúvidas.

Analisemos, por último, o jardim que ocupou o centro do peristilo; assim interpretamos as estruturas remanescentes, colocando a hipótese de que o tanque tenha sido posteriormente utilizado como baptistério (Reis-Correia 2006: 302-303).

O elemento arquitectónico do jardim pode ser definido como dois canteiros rectangulares com um recorte semicircular central, colocados em oposição de forma a ocupar todo o *impluvium* excepto um *lacus* central, axial. Este é a redução à mínima expressão do modelo que surge na casa de *Cantaber* (enquadrado por um *euripus*, repetido quatro vezes, nos eixos do peristilo, à volta de um *stagnum* central) e na ‘casa dos Repuxos’ (que duplica o esquema da casa de *Cantaber*). Na casa de *Tancinus* o modelo é utilizado na sua simplicidade mais extrema (que não rejeita a elegância).

Um último comentário a este jardim: a única adução de água à casa parece ser algo de tardio, feita por cano de elementos de argila. Talvez este jardim não tenha tido nunca jogos de água.

### A busca do proprietário da casa.

Creemos ter chegado tão longe quanto possível na análise e reconstituição da casa onde foi instalada a basílica paleo-cristã de *Conimbriga*. Falta apenas aprofundar a análise de um elemento que é de primeira importância no registo arqueológico do edifício: a ara colocada por *Tancino* (Fig. 14). Uma primeira explicação, que nos dispensaria de mais elaboração, seria a de que a ácula foi reaproveitada como material de construção depois de ter perdido o seu valor em qualquer outro ponto da cidade e, portanto, não tem qualquer relação com a casa. Esta explicação é insuficiente. A ácula foi encontrada reaproveitada num muro, com a face inscrita virada para o interior da construção, sem que a inscrição tenha sido danificada, revelando um cuidado particular, que não foi tido quanto a outros elementos arquitectónicos reaproveitados ou com a inscrição localizada em 2007 (*vid. infra*). No entanto verifica-se que a peça foi seccionada, meridianamente, para que se adaptasse à construção.

Dir-se-ia portanto que, para uma inscrição descartada por falha de valor, a peça está demasiado bem conservada e que a sua colocação na construção tardia demonstra uma tentativa muito intencional de ocultar a sua face e obliterar o seu carácter de ex-voto. Por outro lado impõe-se pensar que, viera a peça de outro ponto da cidade, teriam os danos na sua face sido mais extensos. Razões suficientes para, tendo em atenção o contexto de utilização do edifício em cuja remodelação a inscrição foi encontrada, se considerar como plausível que a ácula fizesse parte do “mobiliário” do edifício original e que, conjectura um pouco mais arriscada mas ainda no domínio da plausibilidade, a sua remoção do contexto quotidiano, ainda que deliberada, se tenha rodeado de alguns cuidados especiais. Este último ponto estaria em desacordo com os preceitos cristãos, mas muito em linha com os interditos pagãos contra a desfiguração dos monumentos sacros. Mas que informações nos transmite essa inscrição (Fig. 14):

Em primeiro lugar, acerca do dedicante:

- *Tancinus, Tonginae filius*) é um indígena, certamente um lusitano orgulhoso. O seu nome é comum, o do seu pai um pouco menos. A menção expressa da filiação é um primeiro, mas ainda modesto, sintoma de romanização, na medida em que não estamos já perante uma simples menção do nome do pai em genitivo, mas nem na antroponímia nem na formação do nome completo do indivíduo se encontram outros traços romanos.

Segundo, a divindade:

- Adoptamos a hipótese avançada por R. Étienne (1991), ainda que também com as mesmas reservas. I.O.M.C. está por *Iupiter Optimus Maximus Conimbrigensis*. *Iupiter Optimus Maximus* é uma das principais divindades romanas cultuadas na Beira por indígenas romanizados, com um elemento militar muito importante associado ao seu culto. Por outro lado a invocação *Conimbrigensis* traz esta dedicatória para o universo do culto semi-público de *Conimbriga*, através do culto dos seus Lares, do seu Génio (Étienne *et al.* 1976, nº 6 e 10) e aqui através do carácter tópico de *Iupiter*. Este fenómeno deve estar ligado ao fenómeno de *contributio* que esteve na origem do desenvolvimento da cidade no período César-octaviano e posteriores.

A concentração de importantes contingentes demográficos na cidade provocou a concentração urbana de cultos públicos, semi-públicos e gentilitários, como demonstram a dedicatória *Lares Lubanci Divilonicorum horum* (“aos Lares dos Lubancos dos Divilónicos deste lugar”. *Idem*, nº 11) ou o culto a Marte Neto pelos habitantes do *vicus Baedoro* (*Idem*, nº 15) O culto de Júpiter Ótimo e Máximo Conimbrigense responde portanto ao anseio de um indígena para quem o culto de uma máxima divindade foi aprendida provavelmente de militares romanos (mais provavelmente auxilia) e que se depara com uma realidade urbana, sendo a amálgama, a

sincretis, uma inevitabilidade. Para tal pode ter ainda contribuído uma noção subjacente a divindades lusitanas como *Reva*, de que se conhece a sua associação tópica (ao Marão, como *Reva Marandigui*) ou démica (aos *Lancienses*, quer como *Reva Langanideigui* quer como *Reva Langanitaecus*). Sabemos que outra importante montanha, o Larouco, foi objecto de culto associado a I.O.M., como *Larucus Deo Máximo* e como *Iovi Sacro Larucus* (García 1991, nºs 160-161 e 184-187, e outros citados em Correia 2000: 186). Não é por isso impossível que alguma divindade indígena, fosse de natureza tópica ou fosse de natureza démica, estivesse ligada a Conimbriga, e que I.O.M.C. fosse a sua reinterpretação

#### A transição.

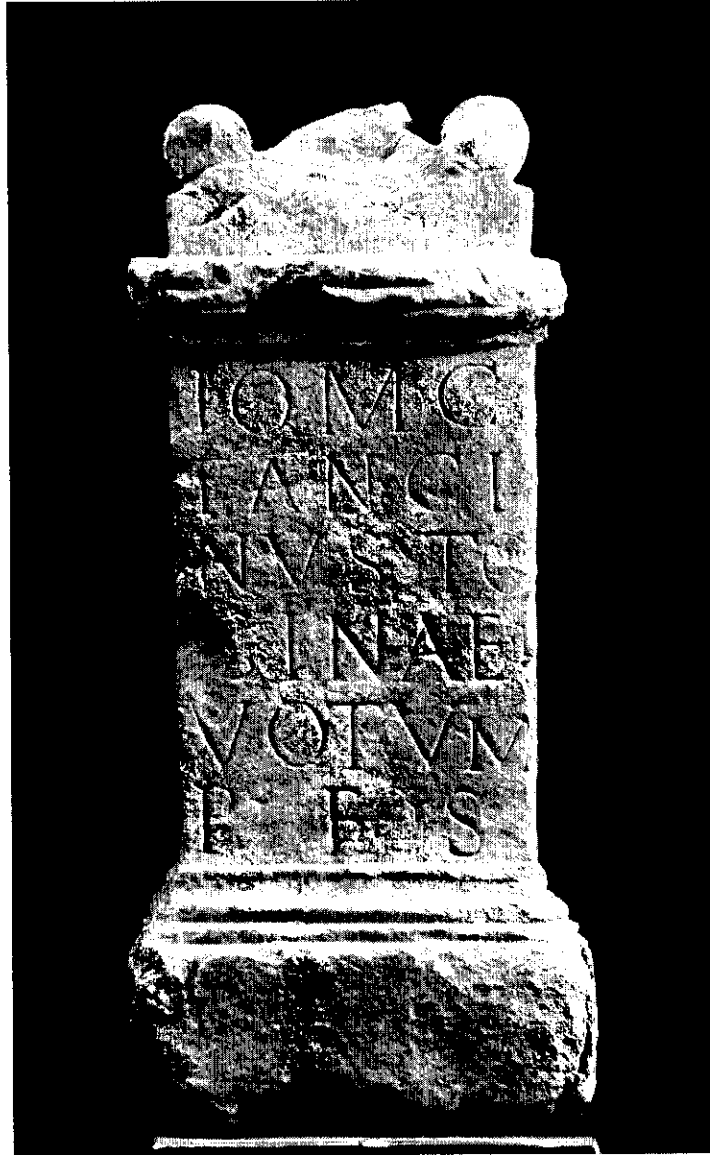
O interesse dos dados arquitectónicos, e outros, da casa de *Tancinus* para a história e a arqueologia da basílica paleo-cristã de Conimbriga é limitado: como em toda a cidade, o registo arqueológico parece hibernar entre

Marco Aurélio e a Tetrarquia, excepção feita aos mosaicos. Nada sabemos, portanto, do processo que conduz ao reaproveitamento da casa de *Tancinus* como edifício ligado ao culto cristão.

Mas não é de todo dispicienda a caracterização de uma residência do estrato indígena conimbrigense, promovido ao longo do séc. I a um nível que, sendo modesto por qualquer padrão, é ainda assim distinto daquele que lhe era permitido pela sociedade indígena de que era oriundo e era suficientemente elevado para revelar alguma preocupação com a res publica mesmo nos actos de piedade privada.

Neste sentido, romanização é um sinónimo de urbanização e, tal como a casa de peristilo não constitui uma completa ruptura com a casa de pátio que era tradicional, pouco é o que completamente se perde na transição, mais significativo é o que se conserva, sendo transmitido por formas novas adoptadas com inteligência.

## FIGURAS



**Fig. 14.** Ara dedicada por *Tancinus* a *Iupiter Optimus Maximus*, reutilizada y empleada como material constructivo en la llamada *domus tancinus* y de donde deriva el nombre otorgado a dicha vivienda (Fotografía: Museo Monográfico de *Conimbriga*).